

OCCIDENTE

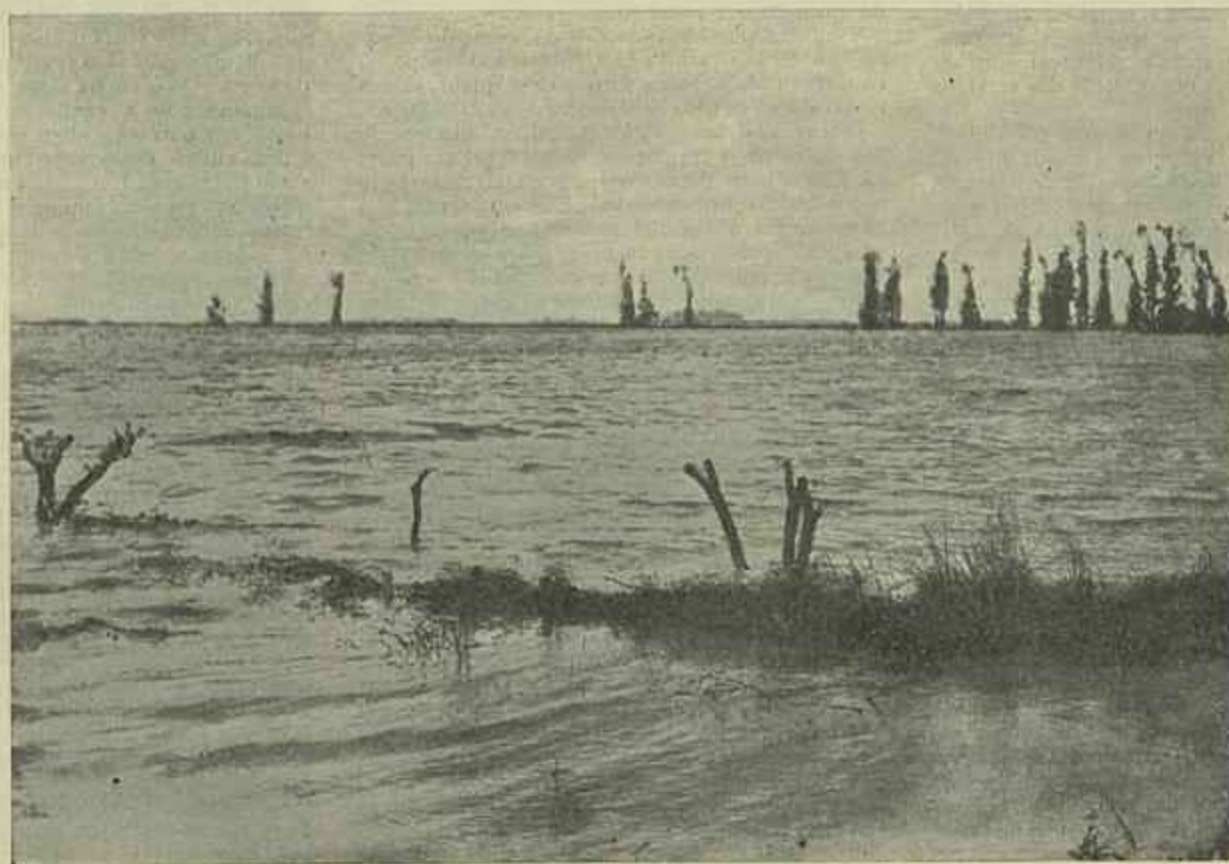
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º entrega	35.º Anno — XXXV Volume — N.º 1193	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	645	120	20 de Fevereiro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	645	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	645	120		

Os temporaes e cheia no Tejo

(Veja Cronica Occidental)



OS CAMPOS DE VILA FRANCA DE XIRA INUNDADOS

CRONICA OCCIDENTAL

Depois das perturbações da ordem publica, motivadas pela tentativa de greve geral, a que a ditadura militar pôz termo, vieram as perturbações meteorologicas para que não ha ditaduras possiveis.

Lisboa voltou á sua vida habitual, dos ultimos tempos, que difere um tanto da tranquillidade da vida antiga.

As garantias constitucionaes estão restabelecidas e o carnaval, que esteve ameaçado de ficar em casa com uma gripite ditatorial, teve, emfim, licença de vir foliar para a rua.

Antes assim.

As perturbações meteorologicas, porém, é que não se poderá prever darão licença para grandes folgedos, depois das catara-



EM VILA FRANCA DE XIRA A RUA DOS MERCADORES INVADIDA PELA CHEIA
(Clichés da «Mala da Europa»)

tas do ceu se terem precipitado sobre uma boa parte da terra portuguesa do norte, do sul, que mais sofreu, e por muito tempo se resentirá da catastrophe.

A cheia do Douro não atingiu, felizmente, o volume de outras vezes, como por exemplo no inverno de 1910, no entanto os estragos são grandes e grande a miseria que deixa após si.

O Tejo, porém, é que fez reviver a memoria das inundações de 1876. Toda a margem sul e norte até Santarem foi inundada e as povoações compreendidas nestas linhas sofreram-lhe os efeitos, especialmente Santarem e Azambuja.

Outros rios transbordaram tambem de seus leitos alagando outras povoações e terras de lavoura já fabricadas, levando casas e sementeiras na corrente, sendo incalculaveis os prejuizos.

Não pretende a cronica enfileirar aqui a extensa lista das terras devastadas pelas cheias e pelos varios tufões que se desen-

cadearam; o seu fim é outro, ainda que sobre o mesmo triste assunto.

Nesta revista, por ocasião da cheia do Douro do inverno de 1909-1910, se aconselharam alguns meios preventivos no sentido de evitar maiores desgraças quando estas calamidades se repetissem. Apresentou até um estudo meteorológico (1) demonstrando a repetição periódica dos fenómenos meteorológicos com respeito ao rigor das estações, em que se conhece já um ciclo de sessenta e seis anos, em média.

Ha, porém, mais do que isto; ha a *Meteorologia agrícola*, como a *Hidráulica agrícola*, que conduz o homem a dominar, até certo ponto, os elementos, tirando deles quando pôde em seu proveito. A primeira prevendo a acção meteorológica sobre a agricultura em certos pontos, permite, com antecipação, precaver as culturas quanto possível contra as intempéries que as ameaçam. A segunda, entrando pelo regimen das aguas, domina as suas correntes, regularisando-as, encaminhando-as por serras e montes a fertilisarem os campos, como a aproveitar se a sua força motriz para fabricas e maquinas agricolas.

Pelo que se lê em uma chronica agricola do sr. D. Luiz de Castro, autoridade reconhecida nos seus estudos agronomicos e patriótica propaganda em prol da agricultura portugueza, vê-se que de ha muito estas ciencias fazem caminho lá fóra, e que ultimamente o *Instituto Internacional de Agricultura* aprovou uma proposta do delegado francês Mr. Luiz Dop, para a organização de um serviço internacional de meteorologia agricola. O governo francês incluiu no orçamento de 1911, uma verba para a organização dos serviços da meteorologia agricola.

Em Portugal já se tentou alguma coisa neste sentido e assim, o sr. Filipe de Almeida Figueiredo, professor do Instituto Superior de Agronomia, a convite do governo apresentou por duas vezes projetos de serviços de meteorologia agricola. Um desses projetos foi presente ao sr. dr. Bernardino Machado, quando ministro das Obras Publicas, em 1893, o qual o converteu em lei; mas a sabida do ministro e os costumes da terra, prevalecendo sobre tudo, deixou a lei no papel sem execução até hoje.

Por outra parte a engenharia hidraulica tem tido notavel progresso, afirmado em obras que eram consideradas impraticaveis, mas que de ha muito se tem realisado.

Essas obras são, em geral, assaz dispendiosas, é certo, mas tem compensações que não são indifferentes.

Ora em nosso país os estragos das cheias repetem-se, infelizmente, com certa frequencia, e desde que vivemos neste rincão do Occidente, os prejuizos causados têm vindo accumulando-se desoladoramente e pedindo ao Estado que lhes acuda com algumas centenas de contos, que já devem somar alguns milhares.

Contudo estas somas apenas mal remedeiam os prejuizos materiaes e não restituem a vida a tantos que a têm perdido, victimas destas calamidades.

As cheias de agora vieram mais uma vez lembrar a necessidade de obras hidraulicas nos nossos rios, como vieram exigir ao Estado mais algumas centenas de contos para acudir a tanta miseria que trouxeram, e contudo continua-se a não pensar nessas obras hidraulicas, e a dispender somas importantes para mal remediar as perdas causadas.

E' um circulo vicioso de que parece não se poder sair, mas em verdade só dele se não sae por falta de iniciativa, por bem calculada administração, por imprevidente incuria que é, afinal, a causa de todos os nossos males.

Acudir a tanta desgraça é justo, é humanitario, é uma necessidade, isso porém não passa de um expediente de momento, imposto pelo coração, mas que pouco remedeia e nada previne.

Quanto melhor não seria o Estado votar uma determinada verba anual para obras hidraulicas nos nossos rios, no sentido de evitar, quanto possível, que as cheias invadam as povoações e as culturas estabelecidas nas suas margens. Quanto se poderia ainda neste sentido lucrar com a pratica da hidraulica agricola, desviando uma boa parte da corrente dos rios, fazendo derivar as aguas para terras, onde aliás são tão precisas e, assim diminuir-lhes o volume pela facilidade da vazão.

Tudo isto são assuntos a estudar, para que é tempo e mais que tempo; mas a imprevidencia nacional só se preocupa no momento do perigo.

A tempestade passou e o nosso lindo ceu azul

volta alacriante á luz do esplendido sol creador, fecundo.

As cearas perderam-se, mas ficaram os nateiros onde melhor germinarão as sementes no futuro ano.

Muitos desgraçados ficaram sem casa, sem nada; mas o Estado e o altruismo nacional sempre lhe dará alguma coisa, aos precisados e até aos que não precisarem...

CAETANO ALBERTO.



Carnaval lisboeta

Emanando das bachanaes élenicas, a genealogia do carnaval é interessantissima. Constavam as saturnaes romanas de danças macabras e disfarces intrigantes. E' facil abandonar idolos, costumes idolatras não. Esse costume do paganismo subsiste moldando-se aos seculos.

Latinando, macarronicamente, diziam os antigos: *Santus introitus, tempus quebrare panelas*. Na Guarda, há poucos anos ainda florescia o costume. Infilravam-se os ómens, um a um. Atirava o primeiro para o immediato uma panela de barro. Este agarrando-a, atirava-a novamente ao immediato e assim sucessivamente.

Tambem n'um manuscrito da Torre do Tombo, se lê: — «quando se terminava o tempo do carnaval toda a louça finissima se quebrava e a roupa da mesa toda se devedia pelos creados.»

O carnaval antigo era brutal. A' um seculo não se brincou porque estava Portugal em guerra. Cinco anos depois o intendente era forçado a proibir as brincadeiras. (Foi em 1817). Em 1833 surgiu o chéché pançudo e vermelhão, «alegrando com suas facecias desbragadas.» De vespera tiravam-se vidraças e de manhã chegavam-se para junto das janelas os cestos de ovos de gema e farinha, cartuchos de pós de goma, as cabacinhas de cera pintada com agua de cheiro dentro, sacos de alqueire de tremoço, laranjas, batatas, pucaros, táxos, alguidares, lixo, dejéto, e até fogareiros.

Nos escusos das escadas exerciam-se sívicias graves, garotices imediatas, ataques á mão armada.

Alfamestas promoviam cegadas satirizando a politica da época ao som do fadinho. Da Bica sala a dança da lúta e dos teatros mascaradas sumtuosas. As mascaras tinham graça boçal e a mocidade divertia-se. As Soisas dançavam *lançeiros* com amanuenses escovadinhos, enquanto as Pires ofereciam saborosas *filhoses de estopa*.

Nas ruas, Zé Augusto, empoleirado n'uma tribuna-carroceiral satirizava poeticamente a vida alfacinha. No entanto a janotada gosava. Eram indelicados, brutaeas mas tinham idéas. Recordamos até um caso:

«Era no baile de mascaras de D. Maria, terça-feira gorda. Entramos no salão ás duas da noite. Não se dançava, pulava-se. Era o cân-cân desenfreado, todos gritavam, todos riam. Intrigava-se de quando em quando. Era a semsaboria do costume para velhos, a alegria costumada para novos. A orquestra parára de tocar.» Um *clow* calças largas e sapatos de bico agudissimo, virado para cima, chegava-se pelas vivandeiras, lavradeiras, floristas, minhotas, e cada uma, como eletricamente, dava momentaneamente um grito e um pulo. No entanto ele parecia indiferente áqueles pulos e gritos. O estupendo caso estava n'uma seringa, cujo tubo ia da algebeira das largas calças até ao agudissimo bico do sapato. Ele parava junto delas, estendia um nada o pé sob da saia minhota, apertava a seringa, e lá s'ia o esguicho...»

Em 1899 no Chiado ninguém podia passar. Das janelas do *Truf-Club* lançavam sacadas de tremoço. O infante D. Afonso era entusiasta nessa brincadeira, d'al até uma simpatia que gosava no publico. Em 1902, S. Carlos resuscitou dos ábitos desordeiros. «Diplomatas atiravam croquetes de vitela e fatias de queijo Gruyère para os camarotes das marquêsas. Janotas despejavam sífões nos decotes das senhoras.» Era a feição predileta da brincadeira em Lisboa.

Despertou o seculo xx e o carnaval modificou-se. Desaparece a dança dos padeiros e apparecem os batalhões carnavalescos. Eram: o Batalhão de Campo d'Ourique, o Batalhão de Alfama, assim como oje voluntarios da Sé, voluntarios de Campo d'Ourique. El-rei Carnavaal, exilou-se e o seu exercito foi desorganizado. Nas cegadas, as disputas, outr'ora entre monarchicos e republicanos, pas-

sou a ser entre republicanos e anarquistas. O carnaval regulado lentamente, morreu.

Restam nos os bailes. Oriundos dessa cõrte bacchanal de Carlos VI da França. Esse rei que mascarando se de urso, como urso autentico foi tomado. Mas, resta nos os bailes de mascaras insonos e immoraes. Sem a sumtuosidade élenica e a graciosidade francesa eles são bem, os bailes duma sociedade em periodo transitorio.

Santus introitus ou Entrudo resente-se, pois, da decadencia moral da época.

ALVARO NÉVES.



Viagem de circumnavegação do cruzador «S. Gabriel»

(Continuado do numero antecedente)

De Angra Pequena a Walfish bay

Angra Pequena é sem duvida um dos melhores portos da costa occidental d'Africa. Foi-lhe dado este nome pelo navegador portuguez Bartholomeu Dias, mas actualmente é conhecida por Lüderitzbucht, ou bahia de Luderitz. Era este um negociante allemão de Bremen a quem o porto foi cedido em 1883 por um chefe namaqua. No anno seguinte foi declarado protectorado allemão não só o porto mas grande extensão de costa. Quando ha vinte annos aqui passámos commandando a canhoneira *Limpopo*, apenas havia um barracão abandonado na praia. Hoje é uma cidade florescente com mais de 300 casas, 1:200 habitantes brancos, a maioria allemães, dos quaes 250 do sexo feminino. E' testa d'uma linha ferrea de penetração com mais de 300 milhas e na cidade ha uma igreja, uma escola frequentada por uns 80 alumnos, dois hoteis, um café e animatographo. Nunca chove, não ha vegetação e a agua para o serviço da cidade é destillada do mar e elevada por meio de bombas para um reservatorio na parte mais alta d'onde, por meio de canalisações, é distribuida ás casas. O custo é muito elevado, 15 marcos (3750 réis) por metro cubico. O grande desenvolvimento da cidade data de junho de 1908, quando se descobriram os primeiros diamantes. As principaes minas distam uns 12 kilometros da cidade e já exportavam para os Estados Unidos e Amsterdam diamantes no valôr de 40 milhões de marcos, ou sejam dez mil contos de réis. N'uma das minas que visitámos tinham-se tirado no dia anterior, 16 de fevereiro, diamantes no valôr de um conto de réis. Para o trabalho d'estas minas importam-se trabalhadores de Ovampo, perto da nossa fronteira, que se contractam por seis mezes. E' lhes prohibido ficarem além do contracto. Existem actualmente uns tres mil d'estes trabalhadores. No dia em que chegámos entrou no porto o vapor inglez *Den of Crombie*, trazendo grande numero embarcados em Swakopmund. Estavam no porto a canhoneira allemã *Panther*, dois vapores, quatro navios de vela e um outro no fundo á entrada do porto, com os mastros de fóra. Ha vinte annos procurámos na ponta Diaz o padrão ali collocado em 1486, mas não o encontramos, o que não admira por isso que tendo sido partido pelos balieiros, fóra levado para Capetown, em 1856, pelo capitão Carew. Dos tres bocados em que estava partido, dois foram, em 1865, mandados para Lisboa e existem no Museu da Sociedade de Geographia e o terceiro vimol o agora no Museu da Cidade do Cabo. Ha pouco tempo construiu-se na ponta Diaz um bom farol com uma torre de alvenaria de base octagonal, cuja lanterna está 164 pés acima do nivel do mar. E' um dos melhores faroes da costa.

Pouco depois de fundarmos veio a bordo o capitão do porto e trocámos visitas com o commandante e officiaes da canhoneira *Panther*. Acompanhado pelo capitão do porto visitei de tarde o governador que me convidou para um *Kaffeekrazchen*, uma especie de *five o'clock tea* inglez, mas onde em vez de chá se bebe café.

Offereceu-me s. ex.^a o ir na manhã seguinte visitar as minas de diamantes em companhia do director Herr E. Kreschin, o que accetei. Fo-

(1) Vid. vol. XXXII, 1909, n.º 1095, pag 115.

mos n'um carro de duas rodas tirado por dois cavallos e depois de visitar as minas com as suas modernas installações, lavagem das areias, motores a petroleo, etc., foi-nos offerecido um almoço nos escriptorios d'uma das quatro grandes companhias que ali exploram. Depois de regressar a bordo recebemos a visita do governador e pela 1 hora da tarde suspendiamos, começando a navegar ao longo da costa em direcção a Walfish bay. Como é usual n'esta costa, amanheceu o dia 18 com nevoeiro. Prumámos frequentes vezes e ás 11,20 a. m. em 19 braças, o que com uma recta d'altura do sol que se obteve deu a posição do navio. Avistámos pouco depois a rebentação na praia ao longo da qual navegámos até á 1 hora, occasião em que contornámos Pelican Point e entrámos na bahia. A' 1,30 fundeámos ao NW da povoação, em 3 braças de fundo.

De Walfish bay a Mossamedes pela Bahía dos Tigres e Porto Alexandre

A bahia de Walfish (em hollandez bahia da baleia) tem apenas importancia por ser o unico bom porto da costa entre Angra Pequena e a bahia dos Tigres. Encravada no territorio allemão de Damaraland, foi declarada ingleza em 1878 e tem 480 milhas quadradas de terreno arido em volta de si. *Boycotted* pelos allemães, não passa por ali commercio algum do interior; apenas tem uns 30 habitantes brancos quasi todos empregados do governo da Africa do Sul de que dependem. Visitei esta bahia ha 20 annos e de então para cá poucos progressos tem feito a povoação. Encontrei de novo uma boa ponte caes com um pequeno guindaste e linha ferrea Decauville, um apparelho para destillar agua do mar, o que é um grande melhoramento visto que a agua potavel tinha d'antes de vir do Cabo, e uma lancha a gazolina para serviço do porto. Os navios de guerra inglezes da esquadra do Cabo veem aqui fazer os seus exercicios de artilheria, para o que esta bahia muito se presta. O movimento commercial do interior faz-se por Swakopmund, 15 milhas ao norte de Walfish, porto aberto e desabrigado. Não havendo em terra telegrapho servimos-nos do telegrapho sem fios para comunicar por intermedio de Swakopmund com Lisboa. Este telegrapho teve de ser expedido em allemão por ser o unico idioma que o telegrapho d'ali se compromettia a transmittir.

Pouco depois de fundearmos fui a terra cumprimentar o governador interino, acting magistrate F. W. Hutchinson, visita que pouco depois me foi retribuida.

Pelo meio dia de 19 de fevereiro suspendemos e começámos a navegar em direcção á bahia dos Tigres. Ao suspender, o ferro trazia agarrado um lodo escuro mal cheiroso e a cór da agua do mar é um verde desagradavel. Isto parece ser devido á origem vulcanica do fundo que foi confirmada no dia 1 de junho de 1900, data em que ao NE de Pelican Point appareceu uma pequena ilha de lodo ou barro d'onde saia vapor ou fumo. Esta ilha desapareceu no fim de tres mezes. No dia 20 navegámos com terra á vista por estibordo, passando pelas 5 horas da tarde cinco milhas a oeste do Cabo Frio. Pelas 6,35 p. m. determinouse o posição do navio por meio de duas rectas de altura de Venus e da Cabra. Ao amanhecer do dia 21 approamos á terra prumando, pelas 6 horas avistou-se a lingua de areia que fórma a bahia dos Tigres ao longo da qual navegámos até ás



MOSSAMEDES — AVENIDA DO BOUFIM

8 horas, occasião em que fundeámos em frente da Residencia em 11 braças de fundo perto da praia. Pouco depois veio a bordo o chefe do concelho, Francisco Rodrigues Quaresma, a quem offereci o transportar a correspondencia para Mossamedes. Havia um anno que este porto não era visitado por navios de guerra portuguezes. A população actual é de 504 pessoas que exploram com optimo resultado a industria da pesca. No anno findo renderam os capitaes ali empregados 400 por cento! Pena é que os portuguezes sejam tão pouco ambiciosos e lhes custe tanto estar longe da patria. Logo que adquirmos uma pequena fortuna, voltam para as suas terras perdendo o paiz a sua experiencia e os seus capitaes. E' o contrario do que acontece em Inglaterra onde os ricos trabalham mais do que os pobres, e por isso as colonias d'aquelle paiz tanta differença fazem das nossas. Ao meio dia suspendemos e começámos a navegar ao longo da costa com a velocidade de 12 milhas, em direcção a Porto Alexandre onde fundeámos pelas 5 horas perto da ponte de desembarque. Estavam no porto algumas embarcações de pesca e dois vapores noruegueses que se empregam na pesca da baleia. Veiu a bordo o representante do chefe do concelho que se achava ausente em Mossamedes. Com um lindo dia saímos de Porto Alexandre pelas 9 horas da manhã e navegando ao longo da costa fundámos pela 1,15 p. m. em Mossamedes, salvando em seguida á terra

De Mossamedes ao Lobito

Não dos deixou bem impressionado a cidade de Mossamedes. A ponte de desembarque está muito assoriada, das duas escadas de desembarque, uma está inutilisada e a outra em mau estado, n'uma pessima orientação nem perpendicular nem parallelas a testa da ponte e atravessadas á ondulação deixam muito o desejar. A' noite não tem illuminação.

As ruas, quasi todas de areia, exalam mau cheiro, proveniente de não haver drenagem e canalisações. A agua potavel é de pessima qualidade, a ponto do governador e familia beberem agua de Lisboa cedida pelos paquetes da Em-

preza Nacional! Era antigamente Mossamedes considerado o porto mais salubre da costa de Angola, mas agora parece que se dá o contrario havendo com frequencia febres de mau caracter. O palacio do governo, que ardeu, ainda não foi reconstruido. O caminho de ferro pouco transporta, sendo tão elevadas as tarifas que não póde concorrer csm os carros boers, tem 0,65 de via e já custou mais de 2:000 contos. A população branca do planalto é indolente e produz tão caro que os productos agricolas vindos da Europa concorrem vantajosamente ali.

Pouco depois de fundearmos fui á terra cumprimentar o governador, capitão Caetano do Carvalho Corrêa Henriques, que no dia seguinte me retribuiu a visita e me convidou para um jantar em sua casa. A' guarnição do *S. Gabriel* foi offerecida uma recita no dia da chegada. Estava fundeada em Mossamedes a galera *Ferreira*. Pelas 10,30 p. m. do dia 23 de fevereiro suspendemos e, com muito bom tempo, começámos a navegar em direcção ao Lobito.

Durante a noite cruzámos um vapor que calculámos fosse o *Cazengo* da Empresa Nacional. Continuámos no dia 24 a navegar com bom tempo e terra á vista por EB. Ao meio dia avistámos o farol de Salinas, mais tarde S. Philippe de Benguella e ás 6 horas fundeavamos no magnifico porto do Lobito, perto da ponte, com 45 braças de amarra em 11 de fundo.

(Continúa.)

A. PINTO BASTO.
Capitão de fragata



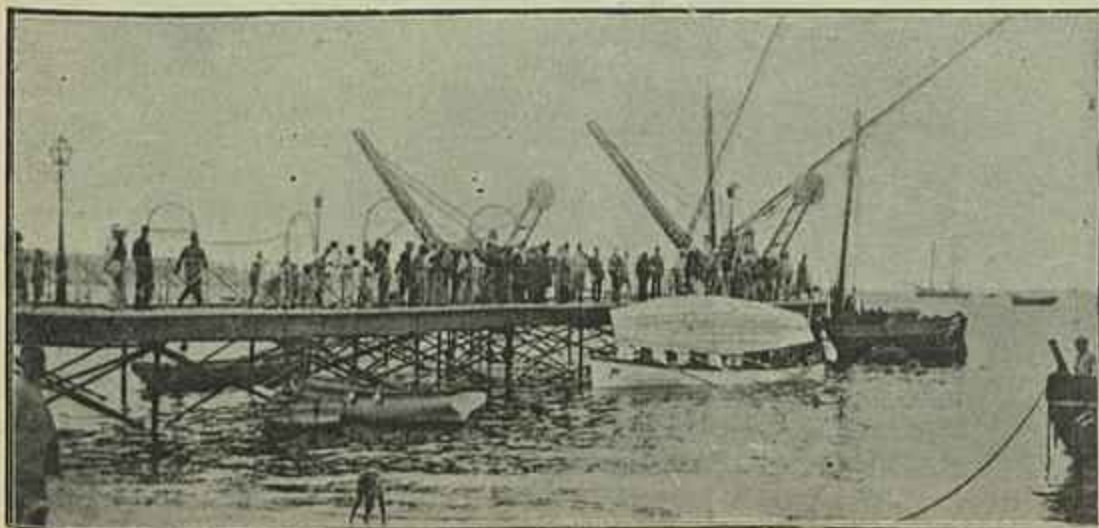
A moeda da Republica e os seus colaboradores

Muito se tem falado e escrito sobre a futura moeda — e não menos do selo — do novo regimen! E a despeito do patriotismo dos governos em promoverem concursos a premio entre os artistas portuguezes e da boa vontade dos juris em acertar na classificação dos melhores modelos tem havido a infelicidade de tais classificações produzirem protestos e descontentamentos, não só entre os concorrentes como entre o publico. E não menos descontentamento tem produzido a morosidade havida em vir para a circulação uma e outra coisa, depois de desasseis meses de Republica!...

O concurso para os modelos da nova moeda, foi publicado no *Diario do Governo* de 9 de outubro ultimo, findando o prazo em 27 de novembro. O juri para os classificar, composto dos srs. Teixeira Lopes, Costa Mota e Veloso Salgado, reuniu em 17 de janeiro p. p. na Academia de Belas Artes.

Os concorrentes fóram em numero de oito e os modelos apresentados tinham as seguintes legendas: *Patria, Ordem e Trabalho, Seis Rodas, Nome e Renome, Agricultura, Alvorada, Luz e Liberdade.*

Por uma differença de interpretação do termo do prazo do concurso, os quatro ultimos concorrentes só fóram admitidos condicionalmente por se apresentarem um dia depois.



MOSSAMEDES — PONTE DE EMBARQUE

Os temporaes e cheia no Tejo

(Veja Cronica Occidental)



N A RIBEIRA DE SANTAREM, AS AGUAS SUBIRAM MAIS DE UM METRO

O júri classificou tres modelos: com um 1.º premio, para a moeda de prata, a divisa *Patria*, do escultor Simões d'Almeida, (sobrinho); com outro 1.º premio para a moeda de bronze-nickel, comemorativa da implantação da Republica, um outro modelo com a mesma divisa e do mesmo autor; e com o 2.º premio, e dependente da aprovação do governo, para a moeda bronze-nickel, o anverso da divisa *Agricultura* e o verso da divisa *Alvorada*, ambas do escultor Francisco dos Santos, um dos concorrentes retardatarios.

Tanto este como os demais artistas que ficaram fóra do concurso fizeram publicos protestos contra a orientação do júri, e declararam que iam recorrer para os tribunales afim de invalidar o concurso, com a argumentação de que ele se deu por terminado aos 49 dias e 6 horas e não, como dizia o *Diario do Governo*, no prazo de 50 dias.

Por umas entrevistas com dois membros do júri, publicadas nalguns jornaes, emittiu-se a opinião de serem gravados em Paris os cunhos das novas moedas, aludindo-se á falta de material — o que até certo ponto é verdade — e á falta de competencia dos gravadores da Casa da Moeda, o que não é justo.

Sobre este ponto o sr. Alves e o sr. Rego, respectivamente primeiro e segundo gravador daquele estabelecimento, vieram á imprensa mostrar com argumentos de valor o equívoco de tal asserção, provando bem que seus trabalhos teem suplantado outros feitos no estrangeiro, o que não só honra estes artistas portugueses, como a gravura nacional.

Pela lei de 22 de maio de 1911 a unidade monetaria da Republica Portuguesa é o escudo, correspondente a 1:000 réis, e fica equiparado ao *dólar* americano, ao peso espanhol, etc.

O escudo divide-se em 100 centavos e dele derivam 12 moedas: 4 de ouro do toque de 900 millesimos, 4 de prata do toque de 835, exce-

pto o escudo que terá 900 millesimos, e 4 de bronze-nickel (75 por 25).

Em ouro far-se-ão moedas de 10, 5, 2 e 1 escudos; em prata de 1 escudo, ou 100 centavos, de 50 (500 réis) de 20 (200 réis) e de 10 (100 réis) centavos; em bronze-nickel de 4 (40 réis) 2 (20 réis) 1 (10 réis) e 1/2 (5 réis) centavos.

O tamanho e o peso das futuras moedas é igual ás atuais, excepto as de bronze-nickel que regularão: as de 4 centavos pela do atual tostão de nickel as de 2 pelas de 5 réis, as de 1 pelas do atual meio tostão e as de 1/2 centavo um pouco mais pequenas. Estas moedas distinguir-se-ão das de

prata mais pequenas, aos olhos dos menos perspicazes, por não possuírem serrilha.

Qualquer particular póde mandar cunhar moedas d'ouro. O Estado, porém, só a fará por sua conta quando as finanças da nação o permitam.

Moedas de prata vão-se fazer: de 1 escudo, cinco milhões, de 50 centavos, cincoenta, de 20 centavos, quinze e de 10 centavos, vinte, total: noventa milhões de moedas ou sejam 35.000.000 de escudos. Moedas de bronze-nickel comemorativas da implantação da Republica fazem-se pelo modelo para este fim aprovado doze milhões, ou sejam tres milhões por cada moeda e dos dois modelos fazem-se: de 4 centavos vinte e cinco milhões, de 2, cem, de 1, cincoenta e de 0,5 centavo, cincoenta — total: duzentos e vinte e cinco milhões, ou sejam 375.000 escudos.

Resta-nos agora saber, pelo que se ouve, se toda ou parte desta cunhagem se fará na Casa da Moeda ou noutra estabelecimento no paiz ou no estrangeiro.

Forçoso é que o governo, e especialmente o sr. ministro das Finanças, olhe para aquele estabelecimento do Estado com olhos de vêr. Como bom ministro da nação, que tudo deve vêr e sabêr — o bom e o mau — é de toda a conveniencia visital-o e indagar das suas faltas passadas e presentes, de suas urgentes necessidades e dotal-o com

todas as condições moraes e materiaes, não só para interesse do Estado como para honra da Republica.

• • •

Depois de tão detalhadamente termos falado na futura moeda, é-nos licito dizer algumas palavras a respeito de quem a va fazer, isto é, de quem va dirigir a sua execução em todas as suas fases.

Pela recente reforma da Casa da Moeda, conforme a lei de 27 de maio de 1911, foi creado o



OUTRO ASPECTO DA CHEIA NAS RUAS DA RIBEIRA DE SANTAREM
(Clichés da «Mala da Europa»)



ANTONIO BERNARDO DA FONSECA BAPTISTA
Chefe das oficinas de amodação da Casa da Moeda
e fiel do ouro e da prata

MODELOS APROVADOS PARA AS MOEDAS: COMEMORATIVA DE BRONZE-NICKEL.
MOEDA DE PRATA, DE SIMÕES D'ALMEIDA (SOBRINHO) 1.º PREMIO
MOEDA DE BRONZE-NICKEL DE FRANCISCO DOS SANTOS,
2.º PREMIO



logar de chefe dos trabalhos das oficinas de fundição e amodação, e ao mesmo tempo de fiel do ouro e da prata.

Precisando-se preencher este lugar com um tecnico ao recomeçarem ali os trabalhos, era natural que fosse para esse fim procurado um profissional de ourives, porque são os profissionais desta arte que mais conhecimento tem da manipulação do ouro e da prata.

Esse lugar foi justamente preenchido por um artista de reconhecido merito, que á sua competencia profissional reúne qualidades de carácter apre-



COMISSÃO PROMOTORA DAS EXEQVIAS PELO BARÃO DO RIO BRANCO

Sentados. — José Nogueira Pinto, dr. A. Vellozo Rebello, dr. Vicente Ferrer, dr. Arthur F. de Macedo e Manoel José Cardoso.
Em pé. — Joaquim Sotto Maior, Firmino Pedreira do Couto Ferraz, Alfredo Ferreira Baltar, José de Vasconcellos Dias,
José Antonio P. dos Santos e Manoel Joaquim de Carvalho

Barão do Rio Branco

ciaveis, sendo ao mesmo tempo um grande lutador, que se sacrificou pelo ideal da Republica, quando no Porto foi levantado o primeiro grito do 31 de janeiro de 1891. E' Antonio Bernardo da Fonseca Baptista, cujos merecimentos reconhecemos e cuja amizade muito estimamos.

Artista de verdadeiro merito muito poderíamos dizer a seu respeito, mas para que as nossas palavras não sejam tomadas á conta da nossa amizade, preferimos citar o que parte da imprensa tem escrito a seu respeito como por exemplo, na folha de Aveiro Os

Sucessos de 10 de junho de 1911, que se exprime nestes termos:

«Consta que vai ser contratado para dirigir uma das oficinas da Casa da Moeda, o nosso amigo sr. Antonio B. da Fonseca Baptista, habil ourives e antigo empregado das joalherias Leitão & Irmão, e esforçado republicano que, como oficial inferior de caçadores 9, entrou no movimento de 31 de janeiro, pelo que teve de emigrar em Espanha.

«Sendo agora contemplados, esses militares, pelos serviços prestados á causa republicana, o sr. Fonseca Baptista, que é um bom e um justo, um carácter cheio de abnegação e de altruismo, fez saber ao governo que não aceitaria a pensão que lhe tocasse, se lhe consentisse prestar serviços da sua especialidade na Casa da Moeda ou outro estabelecimento similar, pois lhe repugnava soberanamente estar a receber sem trabalhar para o país.

«Como se vê, este gesto de exemplar isenção, honra um carácter e enobrece um nome, uma família inteira, jámais nestes tempos de sórdido egoísmo e de tanta banalheira, que vamos atravessando.»

O *Seculo* de 30 de outubro ultimo, publicando o seu retrato dava noticia circunstanciada da sua posse, dada perante o respetivo pessoal e pelo director sr. dr. Santos Lucas, com palavras de incitamento, ao que o sr. Baptista respondeu, lendo uma alocução ao pessoal.

O jornal começava assim a sua noticia:

«Ante-hontem, de tarde, tomou posse do lugar de chefe da fundição e amoedação da Casa da Moeda, para que justamente foi nomeado, o antigo e dedicado republicano sr. Fonseca Baptista, cujas faculdades de artista teem sido reveladas em diversos trabalhos por elle executados, quando foi empregado da casa Leitão & Irmão e de outras do estrangeiro.»

Por tão justa nomeação recebeu o sr. Fonseca Baptista honrosas felicitações dos seus inumeros amigos e admiradores, das quaes tivemos por um acaso conhecimento da seguinte:

Ilustre e prestimoso concidadão

Com verdadeira satisfação, tenho a honra de vos dar conhecimento que em sessão da Comissão Paroquial Republicana da Freguezia de Belas, efetuada em 10 de novembro do corrente anno, foi exarado na acta e aprovado por unanimidade, um voto de congratulação por terdes sido nomeado para o lugar de Chefe da Fundição e Amoedação da Casa da Moeda.

Embora um pouco tarde, é, como acima digo com satisfação, que vos dou conhecimento da fórma como a vossa nomeação foi recebida pela Comissão da minha presidencia, pois reconhece esta que tal nomeação foi apenas um acto de justiça, por isso se associa á justa homenagem que vos foi prestada, e faz sinceros votos para que de futuro os Governos, sigam sempre a norma de procurar os homens para os logares, e não os logares para os homens, que foi, a que foi adotada para a vossa nomeação.

«Aceitae pois, as nossas felicitações que bem traduzem o sentir de um grupo de antigos republicanos apóstolos da razão e da justiça, que, infelizmente, bem poucas vezes teem visto pôr em pratica, a orientação que se adotou para a vossa incontestavelmente justa nomeação.

Saude e Fraternidade

Queluz, 26 de dezembro de 1911.

Ao Ilustre Cidadão Antonio Bernardo da Fonseca Baptista,

O Presidente da Comissão

José Ferreira Sá Piedade.

Devidamente demonstrada a justiça da nomeação e a competencia do nomeado folgamos de vêr que, enfim, se escolheu um homem para um lugar que lhe era proprio em lugar, do que tanta vez se tem feito, em arranjar logares para individuos incompetentes.



Todos deveriam escolher os seus amigos entre os homens que falam com agrado ás mulheres velhas e feias.

As ultimas perdizes

(Continuado do n.º 1191)

III

O promettido é devido e, depois do que se passara no feliz encontro, o dr. Gil não era homem que faltasse á sua palavra. Promettera ir caçar um par de perdizes para oferecer á sua nova conquista e tinha de cumprir a promessa dêsse por onde dêsse.

Não havia tempo a perder; a caça estava por um dia, era preciso aproveitá-lo, e o dr. Gil, pela tarde, mandou prevenir o Inacio para na manhã seguinte estar na estação, armado e com os cães. Ele lá iria ter.

O Inacio era o escrevente do dr. Gil e ao mesmo tempo uma especie do seu falcão sem falcões. No escritorio do advogado passava os dias a encher folhas de papel á rasa a seis vintéis o caderno; em casa tratava das caçadeiras e dos cães do caçador.

Esta comissãosinha dava-lhe mais do que encher os cadernos; dava-lhe o sustento, que elle metia na conta dos perdigueiros, andando estes magros e o Inacio gordo.

O escrevente era baixo atarracado, de pescôço curto emergindo do tronco espadado, almofadado de banhas que vinham acomular-se sobre o ventre fazendo-o descahir e pesar nas duas pernas curtas e roliças; o contrario do dr. Gil, magro e alto como o descrevemos.

Quando os dois iam ás caçadas, era um verdadeiro martirio para o Inacio, que muita vez se estatelava no chão por já não poder acompanhar o dr. Gil, por montes e vales, atraz dos coelhos.

Havia quem notasse os dois naquelas diversões venatorias, vestidos a caracter, em que não faltavam todos os apetrechos e as indispensaveis botas ferradas, comparando-os áquêle cavaleiro de triste figura, D. Quixote com o seu Sancho Pansa.

A comparação era bem cabida, porque o dr. Gil, se não esgrimia com os moinhos, empregava mal os tiros das suas caçadeiras, raro acertando no fugitivo alvo, que a fatal miopia por maiores esforços o não deixava alcançar. O Inacio, por sua parte, tomava mais conta nos cães, que lhe valiam a gratificação, do que na caça que elle dava ao diabo todas as vezes que havia diversão venatoria.

O dia amanheceu chuvoso, como autentico fevereiro que era. O escrevente, ainda na cama, ouvia a chuva bater nos vidros da janela, ao mesmo tempo que o despertador o avisava serem horas de se levantar.

Mais um sacrificio grande que elle oferecia a todos os santos Humbertos deste mundo e do outro, como ao dr. Gil, que não perdoava faltas e era muito capaz de o pôr na rua se elle não comparecesse. Lá se iam os cadernos á rasa e, principalmente, os cães, o pão nosso de cada dia do pobre Inacio.

Vestiu-se de muito má vontade, enfiou nos pés as botas ferradas, deitou correias, quer dizer, rede, polvarinho, cantil com aguardente e bernal, onde, pelo sim pelo não, foi metendo algumas bolachas e nacos de carne assada, em que elle confiava muito mais do que nas perdizes e coelhos que o dr. Gil havia de caçar.

Os cães, que viviam com o Inacio em certa promiscuidade, recolhidos do quintal, á noite, na cosinha, logo lhes farejou caçada, ao sentirem os preparativos, e principiaram a latir desesperadamente, pulando e saltando por se verem livres da prisão, a correr pelos campos fóra, exatamemente o contrario do escrevente.

Quando não fóssem as ordens do dr. Gil, que o Inacio muito bem sabia ter de cumprir, os cães agora obrigavam-no a sabir com eles, sob pena dos visinhos reclamarem contra o infernal barulho que faziam.

Não havia outro remedio!

Ainda o Inacio mal tinha aberto a porta, já os cães investiam e deitavam a correr pela rua fóra doadamente, como bons perdigueiros a farejarem para um lado e para outro, sem atenderem ao chamamento do escrevente, que mau grado seu, corria atraz dêles, quanto as suas curtas pernas o permitiam e o arsenal de armas que levava.

Principiava assim o seu martirio das caçadas, restando-lhe apenas a consolação de poucas vezes se repetirem.

A chuva continuava insistente e por aquêle andar o pobre Inacio, quando chegasse á noite, devia estar uma sópa muito bem molhada.

Da casa do escrevente á estação do caminho de ferro ainda era uma boa meia hora de caminho, que os cães andaram muito primeiro que o Inacio.

O dr. Gil, que se metera numa tipóia, já lá estava, todo apumado e até com certa elegancia no seu traje de caçador. Os perdigueiros formavam circo em volta dêles e aos ladridos, saltando contentes, mostravam-se muito melhor dispostos para a campanha do que o Inacio, retardatario e ofegante, chegando á estação a deitar os bofes pela boca fóra.

Por fortuna faltavam cinco minutos para a partida do comboio, o que daria tempo a comprar bilhetes e a acomodar os cães até Queluz, por onde devia começar a batida.

A chuva cahia a pótes quando o comboio chegou ao seu destino, de fórma que foi preciso esperar que abrandasse um tanto para os caçadores se meterem a caminho.

Maus auspícios eram estes, porque as horas depressa passam e os dias em fevereiro ainda são pequenos.

O dr. Gil, porém, com a sua ideia fixa de caçar as perdizes que promettera, não era homem que hesitasse ante as cataratas do ceu. Pernas ao caminho, e que pernas para galgarem os maiores atoleiros e saltar barrancos atraz dos cães, deixando a perder de vista o pobre Inacio, que para o acompanhar tanto andava de pés como de mãos, agarrando-se por aqui, por ali, chegando muitas vezes a ir de gatas por não poder avançar doutro modo.

Os perdigueiros, por um lado e por outro, iam levantando algumas perdizes, e a que o dr. Gil, com a sua bela caçadeira de dois canos, apontava, conforme podia, mas sem lhes acertar.

O escrevente via-se a pérras para lhe carregar as carabinas a tempo, deitando-lhe o advogado as culpas da perda dos tiros, por elle não se aviar com mais presteza.

A chuva apertava cada vez mais e o Inacio, suando apesar de enarcado, atonito, já não sabendo o que fazia, entornara o chumbo e deixara molhar o polvarinho. Num gesto de compaixão fez sentir ao dr. Gil a situação em que se encontravam; tendo armas e não podendo fazer fogo!

Não sei se Santo Humberto, compadecido do pobre Inacio, interveio para o dr. Gil se suster de não atirar o escrevente para o meio de um grande atoleiro que estava quasi a seus pés.

Acendido em cólera, só as cataratas do ceu lh'a poderam apagar, porque a agua entrava pelo pescôço do dr. Gil e regorgitava-lhe dos canos das botas como da bacia de um tanque cheio.

A situação era grave como lh'a fizera sentir o seu escrevente, que se encontrava no mesmo estado do que elle, sem ser culpado da imprudencia de tentar uma caçada ás perdizes, por um dia daquêles!

Quanto melhor fóra não ter arrostado com os elementos, pensava para consigo o Inacio, e se o não dizia ao dr. Gil, a sua cara mortificada denunciava-lhe bem o pensamento.

Numa attitude resignada, humilde, como qualquer rafeiro, esperava as ordens do dr. Gil que afinal, reconhecendo até certo ponto, a imprudencia que cometera e sentindo não ter no corpo um fio enchuto, resolveu dar por finda a caçada, lamentando no intimo mais aquêle insuccesso, e os apuros em que se ia vêr para não dar parte de fraco á D. Vitoria, toda a esperanza do seu desiludido coração.

Os caçadores bateram em retirada e os cães, depois de tanto trabalho em levantar as perdizes, seguiram-nos de má vontade, parecendo desmoralizados e ladrando de modo singular, até se diria irem fazendo troça.

(Continúa.)

CAETANO ALBERTO.



O moinho e o coração humano andam sempre á roda; quando não tem que moer, moem-se a si mesmos.

LONGFELLOW.

As mulheres não tem amigas, só tem rivaes.

GONDINET.

NECROLOGIA

Barão do Rio Branco

O Brasil perdeu um dos seus filhos de maior valor intelectual com a morte do barão do Rio Branco, ocorrida em 10 do corrente, no Rio de Janeiro.

Descendente de paes portuguezes, como o visconde do Rio Branco, eminente estadista, que em 1881, iniciava a abolição da escravatura com a lei da libertação do ventre, o barão do Rio Branco era tambem um dos maiores amigos de Portugal, não esquecendo assim sua progenitura.

Era um dos maiores vultos politicos do seu país como de toda a America do Sul, e ao mesmo tempo dos mais populares, popularidade que bem se ajustava a seu comprovado patriotismo, pois que não se deixando obsecar pela politica, ele apenas servia a sua patria, como mais de uma vez teve occasião de o declarar.

Assim se compreende que vindo o barão do Rio Branco do tempo do imperio, onde desempenhara altas funções officias, ele não teve duvida em continuar a servir o seu país, como a Republica duvida não teve o aceitar.

E' que o barão do Rio Branco não era homem que se puzesse de parte, o seu valor tão grande como o seu patriotismo impunham-se e o Brasil precisava de todos os seus filhos valiosos para se engrandecer e prosperar.

José Maria da Silva Paranhos, barão do Rio Branco, nasceu no Rio de Janeiro a 20 de abril de 1845, filho do eminente estadista e senador do Imperio, o Visconde do Rio Branco.

Principiou sua vida publica, como jornalista, primeiro redator do jornal *A Nação*, onde advogou, com toda a força de seu talento e humanitarismo, a grande lei que havia de completamente abolir a escravatura no seu país, lei que foi promulgada em 1888.

A sua carreira diplomatica iniciou a em 1869, sendo secretario de seu pae numa missão especial de que este fôra encarregado junto do Rio da Prata e do Paraguay. Naquelle ano foi eleito deputado por Mato-Grosso, e logo sua figura de orador sobresahiu no parlamento. Em 1876 abandonando um tanto a politica, aceitou a nomeação de consul geral do Brasil em Liverpool. Então realisa seus estudos de geografia e de historia do seu país e neles se torna notavel entre os mais notaveis americanistas.

Traduziu a *Historia da Guerra da Triplice Aliança* de Schneider, que anotou, escreveu as *Efemerides Brasileiras*, *Enciclopedias Cientificas*, obras largamente vulgarizadas na America e na Europa. Em 1889 publicou *Esquisse de l'histoire du Bresil* e a *Biografia do Imperador D. Pedro II*.

Naquelle ano foi ainda nomeado superintendente, em Paris, da emigração para o Brasil. E' depois convidado pelo governo da Republica a desempenhar o cargo de chefe da missão especial em Washington, incumbida de defender os direitos do Brasil na questão de limites com a Argentina, na arbitragem submetida ao presidente Cleveland.

Esta missão foi um notavel triunfo diplomatico do barão do Rio Branco, que se traduziu na sentença de 5 de fevereiro de 1895, em Washington, que dava ao Brasil 30622 kilometros quadrados do territorio questionado.

O mesmo triunfo se repetiu na questão de limites com a Guyana franceza, submetida a arbitragem do governo da Suissa, em que o barão do Rio Branco advogou por parte do Brasil.

O Congresso Nacional proclamou o benemerito da patria e votou-lhe uma pensão.

Pouco depois era nomeado ministro plenipotenciario para a corte de Berlim, donde voltou ao seu país, em 1902, para tomar conta da pasta do ministerio das relações exteriores. E' sobre a sua gerencia que se resolve a antiga questão dos territorios do Acre, com o governo da Bolivia; é elevada á categoria de embaixada a representação do Brasil, em Washington, e creado um cardinalato no Rio de Janeiro. Por sua influencia se reuniu, na Capital Federal, a terceira conferencia Pan-Americana. São ainda sob o seu governo, resolvidas outras questões de limites com a Venezuela e a Columbia, e feita uma réтификаção de fronteiras com o Uruguay, de grandes vantagens economicas para o Brasil.

Com tão relevantes serviços ao seu país, a morte do barão do Rio Branco foi uma grande perda nacional, e o sentimento publico bem o demonstra, nas homenagens que por todo o Brasil se tem prestado á memoria do illustre estadista.

Em Portugal, onde o seu nome era muito conhecido e respeitado, a noticia da morte do barão do Rio Branco fez funda impressão, e a colonia brasileira como muitos portuguezes que no Brasil tiveram sua segunda patria amiga e generosa, logo organisou uma comissão para mandar celebrar exequias por alma do falecido, as quaes se realizaram no dia 17 do corrente na igreja de S. Domingos.

A esse acto religioso assistiu todo o corpo consular e legação do Brasil, ministros da Argentina, Uruguay e Nicaragua, consules do Chile e do Equador, principaes membros da colonia brasileira e grande numero de mais pessoas da primeira sociedade lisbonense, em que se contavam representantes da politica, das finanças, do commercio, etc.

O presidente da Republica fez-se representar pelo sr. Batalha de Freitas, do ministerio dos estrangeiros, assim como deste ministerio assistiram muitos dos seus funcionarios superiores.

Carlos Augusto de Sousa Pimentel

Conheci-o muito bem e tive occasião de apreciar o seu saber e grande merecimento de agronomo de primeira classe, que era, especialmente em silvicultura, que profundamente estudava, o que provou com seus trabalhos sobre este ramo agronomico.

Como o conheci foi colaborando nas suas obras, que illustrei com desenhos e gravuras, e em poucos autores com quem, na minha longa carreira artistica, tenho tratado, pude reconhecer tão vastos recursos da ciencia que professava, a par de uma actividade e energia intelectual tão pronunciada.



CARLOS A. DE SOUSA PIMENTEL

O pinhal de Leiria foi o vasto campo da sua acção. Estudou-o, aprefeiou-o e desenvolveu a sua cultura, dedicou-lhe toda a poderosa actividade de que dispunha, passando ali dias e dias, como em comodo gabinete de estudo.

Foi assim que Carlos Pimentel veio de lá um dia tolhido, em resultado de resfriamento, e se recolheu á cama onde jazeu uns vinte e dois anos cortindo uma terrivel doenca de espinha que sobreveio, torturando-lhe a existencia cruelmente.

Não se me apagou da memoria a dolorosa impressão que senti quando o fui encontrar neste deploravel estado.

Eu recebera um bilhete seu para o procurar em sua casa, na calçada da Tapada. Ignorando o estado em que se encontrava, admirou-me não me procurar, como costumava, mas fui. A surpresa não podia ser maior nem mais dolorosa.

Carlos Pimentel, sentado na cama, encostado a almofadas, difficilmente articulava palavras intelligiveis! A' sua cabeceira, uma senhora, sua mulher, contou-me em breves palavras de como seu marido chegára áquelle estado e, seguidamente, me foi explicando o que ele dizia sobre o trabalho que eu tinha a fazer.

Compreendi logo toda a estensão do cruciante estado em que vinha encontrar aquele homem tão robusto do corpo como do espirito e sahí de lá horrorizado.

Tão robusto de espirito sim, que só a morte poudo vencer.

Carlos Pimentel nunca se apartou dos livros; queria estar a par de todo o movimento da ciencia agronomica, e para isso a sua companheira, que nunca o desamparou durante aqueles longos vinte e dois anos, lia-lhe os livros e revistas scientificas. Ainda mais, foi a sua secretária, a que escrevia o que elle ditava numa linguagem que

só ella comprehendia com aquella agudesa e paciencia de que seu dedicado coração era capaz.

E foi assim que Carlos Pimentel, no meio do seu deloroso sofrimento, poudo de algum modo amenisar os largos anos de martirio, escrevendo para as revistas agricolas, muito especialmente para a *Gazeta das Aldeias*, de que era redactor effetivo, e fez o segundo volume da sua obra, *Pinhaes, Soutos e Montados*, considerada obra classica da especialidade, deixando, além desta, o *Eucaliptos globulos, modo de vegetar, cultura e produção* e *A resinagem do pinheiro bravo*. Pelo que me consta, ha ainda outro livro que elle deixou concluido, mas ainda não dado a publico.

Carlos Augusto de Sousa Pimentel, falecido em 29 de janeiro findo, era filho do general Antonio de Sousa Pimentel, e irmão do nosso colega da redacção do *Diario de Noticias*, Albino de Sousa Pimentel, a quem reiteramos nossas condolencias.

C. A.



PELOS TEATROS

República

Na época de Carnaval adequada a folguedos e distrações que buscam fazer-nos esquecer os momentos dolorosos da vida quotidiana, quando sob um pedaço de seda a que chamamos mascara se oculta o rosto e o pensamento e nos arremessamos para esse desorientado prazer de prestar homenagem ao rei da folia — acto simultaneo de milhares de pessoas — por quantas formas e maneiras a imaginação humana a concebe, seria importuno preocupar o espirito com assuntos serios ou fatigá-lo com problemas dificeis e muito menos entristecê-lo contando-lhe alguma coisa que lhe fizesse vibrar algum sentimento intimo ou lhe trouxesse uma recordação penosa.

Alegria e franca alegria e mascarados consideremos que a vida é um carnaval perpetuo em que andamos sempre mascarados.

Encarando as coisas dêste modo procurémos o divertimento que nos convem ou é da nossa predileção e vamos assistir no Republica à representação da peça de Tristan Bernard *Le petit café*, traduzida por Acacio Paiva, com o titulo de *O Botegum do Felisberto*.

Se o nosso proposito era rir conseguimo-lo sem que para isso tivéssemos de fazer esforço.

Toda a peça é salpicada de ditos de uma graça inexcédível, de uma ironia mordaz e espirotuosa.

Algumas das suas scenas que naturalmente requeriam expressões um pouco equivocadas soube Tristan Bernard dar-nos-las de forma tal que não tocam ao de leve sequer na grosseria.

E se não é absolutamente verosimil consegue interessar-nos não só pela maneira como está escrita mas tambem pela observação do meio em que se passa a acção.

Alberto é o creado de um café de terceira ordem e foi levado a aceitar esse mistér por contingências da vida.

Tinha sido educado por um titular que se tinha ausentado para uma viagem e cujo destino se ignorava.

Soubese da morte dêle e que no testamento deixava ao Alberto 800 mil francos

Um dêstes sujeitos que vivem de negócios obscuros sabendo da história foi ter com o dono do café e propoz-lhe um negócio que consistia em rialisar um contracto com o Alberto, oferecendo-lhe 5 mil francos por ano de ordenado e durante 20 anos, havendo caso se rescindisse o contracto uma multa de 200 mil francos. Quando Alberto se visse de posse da herança com certeza renunciaria continuar o seu baixo mistér e pagaria a multa estipulada.

Felisberto, o dono do café, homem de poucos escrupulos aceitou a proposição que tambem foi aceite pelo Alberto que vinha da adega embriagado.

Momentos depois elle toma conhecimento da herança e compreende a cilada que lhe armaram.

Pois tambem elle os ha de arrelhar. Continuará a sêr creado de café.

Da meia noite até ás 7 e meia da manhã poderá andar na pandega e frequentar os grandes restaurantes.

Ele tinha por amante uma violínista hungara ou suíssa, já velha, a quem prometeu casamento por a ter conhecido donzela.

